

O PROFESSOR SURDO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA SALA DE OUVINTE

Alice de Souza do Nascimento

Acadêmica do curso de Educação Física da **UNIASSELVI** - Centro Universitário Leonardo Da Vinci e Intérprete de libras da Igreja Adventista Central de Campo Grande.

Campo Grande, junho de 2016.

RESUMO: A educação de pessoas surdas é um tema bastante preocupante. Pesquisas desenvolvidas no Brasil e no exterior indicam que um número significativo de sujeitos surdos que passaram por vários anos de escolarização apresenta competência para aspectos acadêmicos muito aquém do desempenho de alunos ouvintes, apesar de suas capacidades cognitivas iniciais serem semelhantes. Uma evidente inadequação do sistema de ensino é denunciada por estes dados, revelando a urgência de medidas que favoreçam o desenvolvimento pleno destas pessoas (LACERDA, 2006). Sobre a prática inclusiva, podemos citar que, para estes alunos com necessidades educacionais especiais não se sintam mais um "isolado" ou "doente" no meio dos demais, é necessário uma conscientização a toda sociedade, uma preparação principalmente aos educadores, pois é a falta deste que acaba agravando a problemática e tornando um desafio a alfabetização do aluno surdo. Quando menciono "sociedade" englobo todos os que convivem com o surdo, os alunos e educadores ouvintes principalmente. Para que a inclusão ocorra é imprescindível a especialização e adaptação das escolas e educadores para a quebra desse preconceito, só assim as tantas leis sairão do papel e terão seu valor. Diante das inovações pedagógicas e inclusivas, encaixa-se este trabalho, com a seguinte pergunta: um professor surdo poderia ministra suas aulas sem intérpretes para crianças e como seria essa adaptação? Essa pesquisa tem base na prática docente do professor de Educação Física surdo Edio Tadeu Leite Waismann Asen, meu esposo, e na adaptação que criei para que pudesse assumir a vaga no concursou e ministrar suas aulas na cidade de São Gabriel do Oeste para alunos ouvintes sem o uso de intérprete.

PALAVRAS - CHAVE: Educação Física, Professor, Surdo.

Bem, antes de começar, quero esclarecer que, o que será contado é um caso novo na literatura brasileira.

Edio Tadeu Leite Waismann Asen nasceu em Campo Grande, dia 16 de janeiro de 1976. Filho de Airton e Dalila, irmão de Tádía, Tânia e Tatiany, pessoas muito simples mas, com um grande coração. Logo nos primeiros meses de vida, teve várias infecções, uma delas afetou um dos ouvidos e passou para o outro. Até então tudo parecia normal para os meus pais. Foi aos dois anos de idade, que as irmãs notaram algo de diferente nele. Elas perceberam que ele não tinha reação com barulhos. Foi levado ao médico que constatou o que a família temia: ele estava surdo!

Quando se tem uma notícia dessas é como se, em vez de falar que ele estava surdo, ele tivesse morrido. A família passa por um processo de perda, luto, culpa. Uma avalanche de sentimentos e brigas começaram a surgir. E assim começou a história do Edio.

As palavra Superação sempre estiveram presente em sua vida. Ela começa a surgir em casa, com a adaptação para a comunicação. Vale lembrar que a quarenta anos atrás, a língua de sinais não era muito difundida pela sociedade. Seus anos iniciais na escola foram na APAE de Campo Grande. Ele aprendeu a oralizar algumas palavras necessárias para convivência em família. Logo depois, na pré - adolescência, foi matriculado na escola CEADA, que é a escola especial para surdos. Teve acompanhamento de fonoaudiólogos, mas a Libras era muito mais intensa. E foi então que, captou a comunicação com as mãos.

No antigo ginásio, ele pediu para ser transferido para uma escola estadual de ouvintes, pois no CEADA, percebeu, através dos seus primos, que todos eles passavam de ano e ele permanecia na mesma série, eles aprendiam coisas novas e ele revia as mesmas coisas todos os anos.

Na escola de ouvinte não tinha intérprete, Edio recebia ajuda de colegas de classe, foi um momento muito complicado para ele, pois ao mesmo tempo que eles ajudavam, ele acabava atrapalhando a aula dos demais colegas. Resolveu largar a escola e foi vender chaveirinhos, foi assim que conheceu o estado de Mato Grosso do Sul e outros estados, na companhia de amigos surdos que também viajavam com ele. Um dia, em Campo Grande, encontrou uma ex - professora do CEADA, a Inez. Ao reconhece-la, sentiu vergonha, por

ter abandonado a escola. Ela foi até ele e chamou para conversar. Explicou que deixara a escola por falta de acessibilidade. Ela o olhou nos olhos e disse: Edio, você é um rapaz inteligente, comunicativo, quero o melhor para você. Como sua professora, tenho que te dar uma última aula, e essa, será para a vida toda. Você já viu dizer sobre concursos? Deixa eu te explicar, quem passa num concurso tem a vida garantida, segura. Edio, você é capaz, vá estudar, presta um concurso, pode ser o mais simples, mas será digno, pois todo trabalho é digno.

Ela se despediu e o deixou com a dúvida, o que era um concurso? Edio pediu para as irmãs explicarem o que era e percebeu que a mestra estava certa. Resolveu fazer um. O primeiro concurso foi para o estado, para vaga de auxiliar de limpeza. Passou, mas não foi chamado de imediato, então voltou a viajar e vender chaveirinhos. Um dia, quando retornou para casa, recebeu uma correspondência dizendo que deveria se apresentar para ocupar a vaga. A família ficou emocionada, menos ele, pois o salário era baixo, ganhava mais vendendo chaveiros. Seu pai, já quase sem paciência disse para ficar e ocupar a vaga, e foi o que fez. Começou a trabalhar limpando banheiros e salas de uma escola do estado, logo foi transferido para o CEADA, onde começou a trabalhar como motorista, e depois como instrutor dos surdos para colocação no mercado de trabalho. Tinha uma enorme vontade de crescer profissionalmente, foi então explicado a ele que, deveria fazer uma faculdade. Correu para terminar o ensino médio e prestou dois vestibulares: um para UFMS para o curso de Farmácia e outro, para a UCDB, para o curso de Educação Física. Passou na UCDB, mas para a matrícula teve alguns problemas, pois a faculdade não oferecia intérprete. Depois de alguns arranjos, pode fazer a matrícula. O curso foi maravilhoso, e, em, dezembro de 2005 terminou a faculdade. Com o diploma na mão, pensou em retornar para o CEADA, não mais como faxineiro, mas como um professor. Foi até a escola pedir uma vaga convocada, explicou que, como era surdo, teria muito mais facilidade de ensinar as crianças, pela questão da afinidade da língua e a identidade. Então veio a resposta: NÃO, não temos vaga para você, tente em outra escola. Logo pensou: poxa, outra escola, mas como? Se sou surdo deveria dar aulas em uma escola de surdos.

O ano se passou sem êxito. Pediu então, para ser remanejado para o CAS, como instrutor, mas outra vez teve barreiras, a diretora do centro não queria deixar ele trabalhar como instrutor, e voltou a ser faxineiro, no CAS.

Ficou ali até que, uma professora, sabendo do seu caso, conversou com a coordenação e a secretaria do estado pedindo para coloca-lo como instrutor, e foi assim que começou a dar

aulas de Libras no CAS. Ainda assim, o seu desejo de evoluir só aumentava. Foi então que, em 2007, eu entrei na vida dele. Fui fazer uma prova no CAS para intérprete, mas infelizmente ou felizmente não passei. Ele me disse da necessidade de conviver com os surdos para melhor aprender, e foi assim que começamos a namora. Ele me contou as suas dificuldades, seus anseios. Ensinei a ele uma coisa que talvez poucos saibam, o que significa o Amor. Parece algo romântico, mas não é. O sinal amor e gostar, é o mesmo, foi então que percebi a necessidade de mostrar meu mundo de ouvinte para ele. Várias vezes o Edio perguntou aos surdos, o que significava para eles o amor, e teve quase a mesma resposta de todos, amar é gostar. Para ser correspondida sobre esse sentimento, Edio levou um tempo até entender o que realmente era, brigamos, pois a nossa identidade era diferente. Uma coisa que sempre disse a ele era: somos iguais, não existe identidade diferente, nossa diferença é apenas a forma de nos comunicar. Com o tempo, aprendi sobre o mundo dos surdos e a ter mais paciência para me explicar sobre o mundo dos ouvintes.

Um dia, perguntei se ele gostaria de ser professor de Educação Física em uma escola comum, na hora respondeu que sim, mas que não poderia por causa da dificuldade de comunicar com as crianças. Na época, estava cursando Pedagogia, e disse que dependendo da forma didática aplicada com os alunos não teria problema algum. Mostrei a ele um edital de concurso da cidade de São Gabriel do Oeste, no interior do estado de Mato Grosso do Sul. Fiz sua inscrição, e orei muito para que Deus pudesse dar a ele uma chance de mostrar sua capacidade, e foi em janeiro de 2008 que foi chamado para ocupar a vaga de Professor de Educação Física de uma escola rural chamada Filinto Muller, a cinquenta quilômetros de São Gabriel do Oeste. No começo, teve dificuldades, pois o município não ofereceu intérprete, mesmo a lei garantindo o direito. Na época, já então como noiva, tinha que sair de Campo Grande para ajudar na escola onde ele lecionava. Na primeira semana, não sei bem o que foi passado para as crianças, mas quando ele entrou para dar a aula, todas as crianças correram para os fundos da sala, chorando, ele tentou se aproximar, mas elas gritavam de medo, pois alguém disse que surdez era contagioso. Só depois de duas semanas passando por isso, é que a diretora se dispôs do tempo dela para apresentá-lo para os alunos. Fui até a escola pedir para que uma intérprete o acompanha-se, mas me foi dito que, comparando com um óculos, o uso da intérprete deveria ser pago do seu bolso. Logo em seguida, fui em sala, conversar com os alunos do Edio, pois eram crianças do primeiro ao quinto ano. E para minha surpresa, ele tinha vários admiradores mirins. Daí então, ele pode realmente começar as suas aulas. Durante a semana ele ficava em São Gabriel e na sexta voltava para Campo Grande, para ver a família e eu.

Uma coisa que me preocupava era como as crianças ia aprender a se comunicar em Libras sem um intérprete em sala. Várias vezes, eu sentei para estudar com ele um meio de comunicação para as crianças. Elas estavam em processo de alfabetização, não dava para escrever palavras no quadro explicando o que elas deveriam fazer. Foi então que tive uma idéia: desenhar! Era preciso ilustrar os movimentos que ele deveria fazer em quadra para realizar a aula prática, e deu certo. Após os desenhos, (que eles adoravam), as crianças aprendiam os movimentos necessários para ir para a quadra. Para chamar a atenção das crianças em quadra, tive a idéia de usar um apito. Quando era para mudar a atividade, ele apitava, e assim eram as aulas. Com o tempo, imaginei que ele poderia ensinar os sinais básicos de libras através dos desenhos, como por exemplo, banheiro, água, professor, diretor, coordenador, lanche, quadra, bola, rede, cone, bambolê, correr, pular, saltar, rastejar, rolamento, amigo, dor, cansado, pai, mãe, atrasado, adiantado, fome, enfim, esses sinais evoluíram para um contexto básico de comunicação entre professor surdo e alunos ouvintes, a tal ponto que, não se fazia mais necessário o uso de intérprete em sala, aqueles que tinham mais habilidade com as mãos auxiliavam os demais da sala. Chegou um momento que, uma das crianças interpretou a reunião de pais e mestres. Foi inacreditável ver que, os que deveriam estar a favor da inclusão, como professores e coordenadores, foram os primeiros a ignorar a acessibilidade.

Três anos se passaram, com lutas, dificuldades, mas também com grandes conquistas. Foi através de pesquisas que ficamos sabendo que o Edio era o primeiro surdo do estado de Mato Grosso do Sul a lecionar com crianças ouvintes, utilizando a Libras e sem intérprete. Mais em frente, em encontros com amigos surdos e professores, me perguntavam se havia outros como meu esposo. No momento, ainda não tinha visto outros, minha curiosidade aumentou, e comecei a busca por professores surdos que lecionavam em salas de alunos ouvintes no ensino fundamental e médio pelo Brasil. Nas minhas buscas, comecei a ver um lado ainda pouco divulgado, que é o professor surdo concursado em escolas públicas. E para meu espanto, ele era o primeiro. Busquei na Universidade Federal De Mato Grosso do Sul, artigos ou pesquisas relacionados ao assunto. No Caps, pude encontrar apenas professores surdos ministrando aulas para alunos surdos e, o único caso que encontramos foi de uma professora surda chamada Adriana Aparecida Fraga, de Campinas, concursada que dava aula em uma escola pública para alunos ouvintes, mas ela não utilizava a Libras, era oralizada. Foi neste momento que percebi que, nossa trajetória juntos seria grande valia para a Educação Especial, pois estaríamos abrindo precedentes para os demais professores surdos.

Como o céu é o limite, depois de algum tempo, perguntei se ele gostaria de fazer outro concurso, almejando um cargo com melhor salário. Como sempre, me respondeu prontamente que sim, pois havia uma vontade forte de mostrar a inclusão como algo comum, sem neuras para a sociedade. Então, mostrei o edital da UFMS. Não nego que, a princípio tive duas preocupações, a primeira: como ficariam alunos sem o “magrelão palhaço”; a segunda: era um concurso federal, com muito mais peso no quesito de avaliação.

Depois de muito refletir, não só nos seus alunos, mas também na nossa família, pois estava crescendo. Com o nascimento do meu filho Enzo, era necessário eu parar de trabalhar como intérprete para cuidar do nosso precioso. Resolvemos fazer a inscrição do concurso da UFMS. Ele foi e fez a prova, e para nossa alegria, tinha feito 80 pontos. Tivemos problemas, pois a Universidade tinha feito a inscrição como candidato comum. Apesar dele ter recebido ajuda de intérprete, o problema foi na hora de assumir a vaga. A UFMS disse que não concorreria como DEFICIENTE, entramos com um mandato de segurança. Após um ano de processo, de várias idas e vindas até o Ministério Público, eis que, me ligam dizendo que era para o Edio assumir a vaga na UFMS, pois uma vez surdo, sempre surdo, era um direito adquirido líquido e certo. Na mesma hora, arrumei as malas para retornar para Campo Grande, pois eu precisava dar entrada da documentação para o Edio ocupar o cargo de Técnico de Assuntos Educacionais, nível E na Federal.

Era um segundo sonho realizado, dentre tantos outros a se realizar. Fomos até a escola que o Edio lecionava para pedir o desligamento, e para a nossa surpresa, seus alunos prepararam uma grande despedida. Sentíamos um aperto no peito, mas era necessário. Algumas cartinhas com os desenhos de sinais ensinados em sala foram sendo entregues pelas mãozinhas de quem o acompanhara nessa incrível jornada.

Sinto um enorme prazer de ter apoiado e vivenciado essa experiência, pois mostrou para a sociedade, que ser deficiente não é ser “sem eficiência”, basta dar a oportunidade para se realizar um belo trabalho e criar belas histórias de superação. Hoje, meu esposo continua trabalhando na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como TAE, realizando um projeto dentro da universidade, ministrando aulas de Libras para os funcionários da UFMS e HU, caminhando para o mestrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SKLIAR, C. (Org.). Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre, Mediação, 1997.

Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In

SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Editora Mediação, 1998.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; GÓES, Maria Cecília Rafael de. (orgs) Surdez: processo educativo e subjetivo. São Paulo: Lovise, 2000.

ANEXOS

Curso Noções Básicas de Libras, na Biblioteca Centra da UFMS.

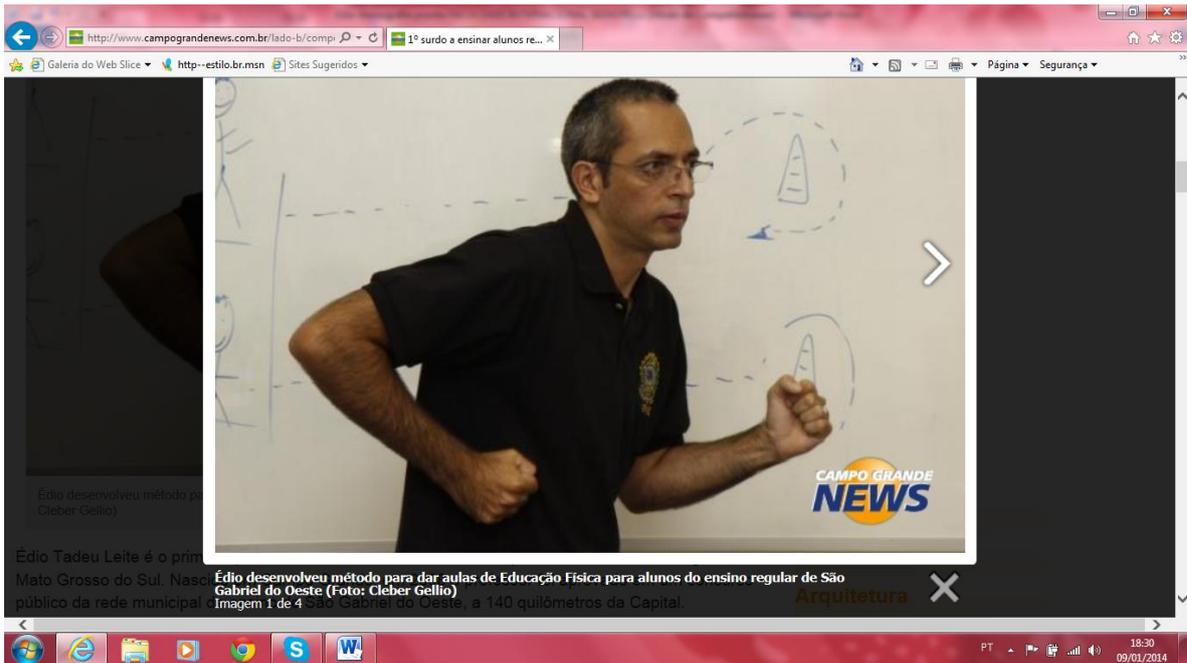


The image is a screenshot of a Facebook post. On the left, a video player shows a man with glasses and a dark polo shirt with a UFMS logo, smiling. The right side of the post shows the profile of 'Biblioteca Central da UFMS' with a post date of October 24, 2013. The post text identifies the man as 'Instrutor e servidor Edio Tadeu Leite Waismann Asen.' and lists interaction options like 'Curtir (desfazer)', 'Comentar', and 'Compartilhar'. Below this, it shows that 'Você, Lu Hiratsuka e Alleisa Ferreira Riquelme' liked the post, with a comment box. A sponsored advertisement for 'City Lar' is visible, promoting a Canon 16MP digital camera for R\$199 plus free shipping in Brazil, accompanied by an image of the camera. The browser's address bar shows a Facebook photo URL, and the Windows taskbar at the bottom includes icons for Internet Explorer, File Explorer, and other applications, along with the system clock showing 18:27 on 09/01/2014.



Matéria exibida no jornal Campo Grande News, dia 04/12/2013

<http://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/1o-surdo-a-ensinar-alunos-regulares-edio-agora-vai-aprender-a-falar>



Nesta foto, o professor Edio Tadeu demonstra como ensinava as crianças de 1º ao 5º do ensino regular, sem o uso de intérprete, primeiro ele desenha no quadro os movimentos que deverão ser realizados e, em seguida, levava os alunos para a prática na quadra.



